

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ESCRITORES/REALIZADORES
EM COLABORAÇÃO COM A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
ESCRITORES
17 de maio de 2023**

**MAXIMUM OVERDRIVE / 1986
(Potência Explosiva)**

Um filme de Stephen King

Realização: Stephen King / *Argumento:* Stephen King, adaptando um conto seu intitulado *Trucks* / *Direção de Fotografia:* Armando Nannuzzi / *Música:* AC/DC / *Produção:* Martha Schumacher / *Coprodução:* Milton Subotsky / *Produção Executiva:* Dino De Laurentiis, Don Levin, Mel Pearl / *Montagem:* Evan Lottman / *Casting:* Mary Colquhoun / *Design de Produção:* Giorgio Postiglione / *Guarda-roupa:* Clifford Capone / *Interpretações:* Emilio Estevez (Bill Robinson), Pat Hingle (Hendershot), Laura Harrington (Brett), Yearley Smith (Connie), John Short (Curt), Ellen McElduff (Wanda June), J. C. Quinn (Duncan), Christopher Murney (Campo Loman), Holter Graham (Deke), Frankie Faison (Handy) / *Cópia:* 35mm, a cores (Scope), falada em inglês com legendas em português / *Duração:* 98 minutos / *Estreia Mundial:* 25 de julho de 1986, Brasil / *Estreia Nacional:* 26 de fevereiro de 1988, Berna/Castil/Mundial 3 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

“We made you! Don’t you understand? You can’t do this! We made you!”, grita a empregada do *diner*/estação de serviço antes de ser cravejada de balas disparadas por uma metralhadora manejada... não se sabe ao certo por quem ou pelo quê. A arma atira a matar após o grito de revolta do seu “criador”, o Homem. O filme de Stephen King tocava e toca num ponto sensível na história da nossa relação com as máquinas: e se elas um dia “despertarem” e derem uso a uma qualquer “vontade de poder”? E se, municiadas por um descontrolado “desejo de vingança” (“sobreimpulso” para matar o seu criador, quer dizer, *overdrive to kill*), as máquinas ganharem consciência de si e do mundo e, logo a seguir, derem o grito do Ipiranga? Numa altura em que se fala das ameaças colocadas pela Inteligência Artificial e de carros autodirigíveis mais ou menos fiáveis à beira de entrarem no mercado, tornando-se parte do dia-a-dia, importa relançar a questão: podemos mesmo reclamar algum tipo de piedade perante os artefactos (pós-)industriais que trouxemos a este mundo? Sendo Stephen King um dos mais celebrados escritores de horror, conseguimos-nos facilmente precipitar numa resposta: “não, é que nem pensar”.

Adaptação de um conto da sua própria autoria, **Maximum Overdrive** foi a primeira e, à data de hoje, última experiência do realizador no lugar de *director*. A produção do filme, acidentada quanto baste, sobretudo devido à assumida inexperiência deste escritor subitamente tornado realizador (um dos obstáculos foi, por exemplo, a barreira linguística que se interpôs entre ele e Armando Nannuzzi, lendário director de fotografia de Pasolini, Pietrangeli, De Sica e Visconti), contribuiu para o *flop* geral, mais tarde confirmado pela terrível receção da crítica e pela *performance* desastrosa no *boxoffice* (o filme gerou um prejuízo de quase 3 milhões de dólares). A instabilidade

emocional do realizador, a atravessar um período particularmente complicado, compensado com um consumo muito irrazoável de cocaína (*maximum overdrive...*), acabou por ser a principal razão para a *débauche*, terá confidenciado o próprio King mais tarde («6 of Stephen King’s Least Favorite Adaptations of His Own Books», Trey Nissley, *Movieweb*, 19 de dezembro de 2022). A falta de jeito é quase assumida desde os primeiros minutos, quando vemos o próprio Stephen King, num pequeno *cameo*, a ser invetivado por um terminal do multibanco. No ecrã do ATM, a personagem lê, não escondendo a perplexidade: “You are an asshole”. Começa assim o filme: com este apontamento de humor paródico e, ruidosamente, ao som de uma indescritível trilha musical concebida pela banda de *rock* AC/DC, que acaba por participar de uma forma de humor involuntário, aniquilador de qualquer réstia de tensão e horror capaz de ser suscitada por esta história – nem tão-pouco servem a voz e as guitarras estridentes para acompanhar um cativante filme de ação *non-stop*, prefigurando **Speed** (1994) mas em modo distópico. A narrativa, descompensada, desequilibrada e sempre em luta com todo um conjunto de elementos anti-climáticos, está também ela, como a tal empregada, cravejada de balas, esburacada pelos tiros e insultos de um argumento muito mal esgalhado, que consegue mesmo arrasar – com excesso de efeitos (o *overdrive*, de novo...) – um conto sóbrio, reduzido ao osso e filosoficamente interpelante, que, aliás, não cede a explicações fáceis ou preguiçosas (no filme, a história da passagem do cometa como potencial origem para todo o pandemónio lançado na terra parece tirar proveito da aparição nos céus do cometa Halley, muito badalada nos *media*).

Por exemplo, no texto literário, o debate sobre se os humanos devem ou não responder ao pedido/exigência das máquinas em serem alimentadas com combustível leva a uma reflexão bem mais aturada sobre a nossa iminente condição de escravos das nossas invenções: “Queres tornar-te escravo delas? É isso que vai acontecer. Queres passar o resto da tua vida a mudar os filtros de óleo sempre que uma dessas coisas buzinares? Eu não.” A mesma personagem, designada por “counterman” (empregado de balcão), refere, perto do fim do conto: “Mas elas são máquinas. Não interessa o que se passou com elas, que tipo de consciência em massa lhes demos, pois *elas não se reproduzem*. Em cinquenta ou sessenta anos serão cascos enferrujados não constituindo ameaça alguma, carcaças imóveis a serem cuspidas por Homens livres”.

Porventura vendo-se obrigado a psicologizar ou sentimentalizar a história, Stephen King concentrou-se no acessório e deixou o essencial de parte: a dimensão política e filosófica da história contada “no momento”, quase sem passado e tremendo perante a ideia de um futuro tecnológico deveras sombrio, *à la Terminator* (1984), ou seja, face a um futuro à mercê da lei de máquinas vingativas, animadas por uma força qualquer (alienígena?) que nos atirá a todos para o princípio de uma nova era, já definitivamente pós-humana. Neste particular, a presença de um Emilio Estevez – era para ter sido Bruce Springsteen – como “o herói” atrás do volante (neste caso, é mais “à frente do volante”, lidando com o temperamento de uma multitude de camiões) sugere uma espécie de linha invisível de continuidade ligando **Maximum Overdrive** ao *cult classic* **Repo Man** (1984) de Alex Cox, em que, nem de propósito, um carro muito procurado carrega energia radioativa de proveniência alienígena e, no final, o céu é o limite no que diz respeito a elucubrações có(s)micas (em bom inglês, “WTF”) sobre o nosso lugar no mundo. Ao mesmo tempo, esta fita não explora até onde podia, ou como chega a prometer, a gramática do “filme de cerco”, na senda de um *western* contemporâneo (as pistas haviam sido dadas por John Carpenter...), que ao invés de

índios cercando a diligência tem camiões rondando os fracos e vulneráveis humanos “presos” na estação de serviço.

Enfim, e mais importante do que tudo isto, não deixa de ser algo irónico que um escritor tão adaptado ao grande ecrã, e suscitando alguns resultados notáveis (tais como **Carrie** [1976] de Brian De Palma e, exemplo de um filme também envolvendo uma máquina diabólica com livre arbítrio, **Christine** (1983) de John Carpenter), se tenha estatelado desta forma com um projeto em que se adapta a si mesmo. A ironia é ainda mais corrosiva se formos revisitar a polémica envolvendo King e Stanley Kubrick, por causa da adaptação que este último fez de *The Shining*. King foi sempre crítico da dita adaptação, alegando que Kubrick tresleu em toda a linha o assunto do livro (nomeada e mormente a temática do alcoolismo) e afirmando que o grande problema do realizador de **Dr. Strangelove** (1964) era que não dominava os códigos do horror («King of the Road», Darrell Ewing e Dennis Myers, *American Film*, junho de 1986). Anos depois, o próprio King reconheceria o fracasso da sua adaptação de *Maximum Overdrive*, tendo este conto sido adaptado de novo, com resultados igualmente desastrosos, num filme intitulado **Trucks** (1997), e noticiando-se mais recentemente a possibilidade de um retorno a este texto pelo próprio King, de novo na condução das operações a partir do, até ver maldito, lugar de realizador, com mais alterações a serem impostas ao material de origem. Enfim, todo este rol de acontecimentos repletos de tiros nos pés e disparates *over the top* não deixa de conferir, se estivermos para aí virados, algum charme *camp* – dentro de uma certa lógica “tão mau que é bom” – a **Maximum Overdrive**. Repito: é estarmos para aí virados.

Luís Mendonça